

Antonio R. de Almeida

A Atuação do Psicólogo Social na Sociedade Moderna*

I — INTRODUÇÃO

Existe não só em nosso país, mas em todo o mundo ocidental, uma grande expectativa em torno da atuação do psicólogo, e, do psicólogo social em particular, sobre os problemas da sociedade moderna. A Psicologia tornou-se um dos cursos mais procurados nas universidades. Seu progresso acadêmico e científico tem sido notável nos últimos decênios. KARL PRIBAM, psicofarmacólogo americano, no "speech" que fez durante o XIX CONGRESSO INTERNACIONAL DE PSICOLOGIA, realizado em agosto de 1969, em Londres, também previu que a Psicologia Social seria, junto com a Psicofarmacologia, uma das divisões da Psicologia que mais se desenvolveria no mundo. Esta previsão de PRIBAM mostrou-se correta sob todos os pontos de vista, não só para a Europa como para a América do Norte e América Latina. Muitos indicadores desse desenvolvimento poderiam ser aqui apontados. Limitar-nos-emos, entretanto, a dois que são indicativos: a) o aparecimento de uma nova revista de Psico-

logia Social de projeção mundial, como o "*Journal of Experimental Social Psychology*", editado em New York pela Academic Press e b) a estruturação, em nosso país, de três cursos de Pós-Graduação em Psicologia Social, sendo dois na Pontifícia Universidade Católica do Rio e São Paulo, e, agora, na Universidade de São Paulo (que estará em funcionamento a partir de março de 1976). É, por outro lado, com grande otimismo que os homens que esperam respostas científicas para os problemas sociais e não respostas "ideológicas" (sejam elas oriundas da esquerda ou da direita), vêem o desenvolvimento da Psicologia Social e seus ensaios de aplicação em comunidades como Twin Oaks. A Psicologia Social, aliada a outras ciências do comportamento como a Etologia, a Ecologia, a Psicofarmacologia — poderá (quem sabe?) contribuir decisivamente para que novas formas de vida em sociedade sejam ensaiadas. Este artigo coloca-se, portanto, como um convite para discussão por parte não só de psicólogos, mas de outros especialistas, sobre a atuação do Psicólogo Social na sociedade moderna.

II — ATUAÇÃO CLÁSSICA E TRÊS LINHAS DE FORÇA DE ATUAÇÃO

O que faz o psicólogo social na sociedade moderna? Estuda a interação humana nos seus mais diversos aspectos; constrói escalas de atitude, prediz comportamentos de grupos, estuda estereótipos, preconceitos, transmissão de valores, realiza experimentos — seja no laboratório ou no campo —, conduz pesquisa de opinião pública, estudos de natureza inter e intra-cultural etc. Para fazer isto, usa, praticamente, instrumentos de toda a Psicologia: testes projetivos, escalas, diferencial semântico, administração de drogas etc. Não existe, por outro lado, uma teoria dominante na Psicologia Social. Teorias como da aprendizagem, da dissonância cognitiva, dos jogos, psicanalítica, piagetiana, aparecem ao longo de sua história, com épocas de maior ou menor predominância. Enfim, nestes seus 78 anos de vida de laboratório, a Psicologia Social produziu uma quantidade enorme de dados. Milhares e milhares de páginas foram impressas sobre a Psicologia Social. Mensalmente, um novo livro surge na área de Psicologia Social. Num levantamento que realizei no *Contemporary Psychology* pude registrar a publicação, em média, de cinco novos manuais de Psicologia Social, nos últimos três anos, sem falar nas reedições de manuais

* Este artigo, em parte modificado, refere-se a uma comunicação apresentada pelo autor no Simpósio "A atuação do psicólogo social na sociedade moderna", realizado em 31-10-1975, em Ribeirão Preto, S P., durante a V REUNIÃO ANUAL DE PSICOLOGIA.

clássicos. Tem a Psicologia Social correspondido à expectativa que o grande público faz da sua ação?

Há 13 anos, Krech e col., na introdução do *Individual in Society*, escreviam com otimismo: “Uma idéia revolucionária está influenciando as reflexões do homem sobre os problemas sociais. Cheio de esperanças, aceita a noção de que as ciências humanas logo serão eficientes para impedir a luta odiosa do homem contra o homem, no preconceito racial e ideológico”. E logo a seguir acrescentavam: “Os cientistas sociais se empenham numa extraordinária diversidade de atividades... sobem escadas, apertam campainhas, entrevistam cidadãos. Nos laboratórios fazem experimentos sobre grupos. Muitos se empenham na ação dirigida, a fim de atingir um mundo tolerante, um mundo pacífico, um mundo melhor”. Mas, ao se abrir o jornal da manhã, pode-se ver que o quadro geral é bem outro, pois parece que nestes 13 anos as ciências humanas, e, entre elas, a Psicologia Social, não conseguiram influenciar significativamente o homem. Evidentemente não penso que a Psicologia Social sozinha poderia libertar, apenas pela sua atuação, o mundo dos seus complexos e seculares problemas. Os jornais nos revelam, diariamente, massacres que são realizados por grupos de extremistas, sem nenhuma restrição de ordem moral — como se os meios justificassem os fins — e, nos quais, crianças, mulheres e velhos são, geralmente, assassinados. É sempre útil lembrar Dachau e Auschwitz, na Alemanha de Hitler; My Lay, no Vietnã; os massacres dos armênios na União Soviética; Hiroshima e Nagasaki; os ataques quase diários dos palestinos nas ruas de Israel, nos seus aeroportos, como se os seus executores e planejadores estivessem acima e além do Bem e do Mal. Se os nazistas nos deram, durante a 2.ª Guerra Mundial, um exemplo de uma obediência sem questionamento, hoje, os membros do Partido Comunista nada lhes ficam a dever. Por outro lado, homens de Estado espionam os seus adversários políticos e convidados. Watergate está ainda muito presente em nossa memória. É, portanto, extremamente complexo e instável o contexto social no qual atua o psicólogo social. O quadro é de crise. Crise que já fora denunciada há 63 anos por Spengler na sua “Decadência do Ocidente”; por Jacques Maritain, em 1936, no seu “Humanismo Integral” e, entre nós, pelo jesuíta Leonel Franca, no seu esplêndido livro “A crise do mundo moderno”. Esta crise, até a 2.ª Guerra Mundial, era de conhecimento de um círculo reduzido de intelectuais. Ela não havia ganho as ruas. Os meios de comunicação de massa “mass media”, sobretudo o advento da televisão, emprestaram ao homem uma consciência planetária. De repente, a farmácia, a praça, a janela, deixaram de constituir o seu “universo”. Mas o advento desta mesma tecnologia lhe trouxe uma série de espectros. Vivendo no que alguns chamam um “universo computacionário”, o ho-

mem passou a depender mais e mais da máquina, e, ao mesmo tempo, a temê-la. Sua vida particular é hoje devassada pelos computadores. As perspectivas são algo de alarmante. Hoje, existe a viabilidade técnica de que nos computadores, baseados no princípio "lazer", possam ser arquivadas, em dez fitas de 1.500 metros de comprimento por 2,5 cm de largura, vinte páginas de informação sobre cada indivíduo que vive na terra. Ameaçado de um controle que instintivamente rejeita — pois desconfia do Estado — o homem especula o futuro, escreve ficções como "1984", "A Ilha"; convida juristas na UNESCO para que formulem projetos em defesa da sua privacidade. O quadro é, portanto, da mais profunda e radical crise, como nunca se verificou na história do homem.

Atuando num mundo em crise, o psicólogo social vive, por outro lado, uma crise na sua ciência. Crise que foi objeto de uma excelente análise por parte de BERKOWITZ, num artigo que escreveu em 1970; por parte de K. WEICK e por SCHELENKER, que defende com êxito a possibilidade da Psicologia Social ser uma ciência contra as teses historicistas de GERGEN (1973). A Psicologia Social está, portanto, sem um paradigma dominante. Vive-se a época de declínio do que BERKOWITZ (1970) chamou de "big picture". As teorias cognitivas, embora sejam responsáveis pela maior parte das pesquisas que são feitas na Psicologia Social, não são mais, como nas décadas de 50 e 60, absolutas. Ao lado de toda esta problemática de metodologia da Psicologia Social, existe uma problemática no homem que "faz" Psicologia Social. RING, num artigo que escreveu em 1967, aponta o que considera uma grave deficiência na personalidade do psicólogo social. Diz ele que falta a esse a pertinência dos colonizadores, e que o psicólogo social é um "homem de fronteira". Pergunto, por outro lado: se o psicólogo social não explora, em toda sua latitude e longitude, os tópicos que estuda, não seria isto um dos resultados das "pressões" a que está submetido por parte da sociedade, para que resolva os seus problemas? Frente a estas "pressões" o psicólogo social não tem tido, provavelmente, o cuidado de ignorá-las e procurar fazer ciência, ao invés de procurar resolver problemas para os quais não está ainda suficientemente preparado. Suas intervenções não produziram os resultados que delas se esperavam, provavelmente por causa das questões de ordem metodológica ainda não resolvidas.

Uma outra questão de ordem metodológica, da máxima relevância, se refere ao lugar onde o psicólogo social testa suas teorias. Tem ele trabalhado mais no campo ou no laboratório? FRIED (1973) realizou um levantamento estatístico, no qual mostrou que o psicólogo social tem trabalhado mais no laboratório do que no campo, embora se registre, nos últimos cinco anos, uma tendência de

crescente trabalho no campo. A década de 60 levanta sérias e graves questões metodológicas sobre os dados que os psicólogos, de uma forma geral, e o psicólogo social, de uma maneira particular, têm colhido nos laboratórios. É bem conhecido o "efeito Rosenthal" nos experimentos de Psicologia Social. Os Ss humanos reagem às instruções do experimentador e freqüentemente enviam os resultados que são obtidos, pois o sujeito humano, segundo ROSENTHAL (1961), formula sempre sua hipótese sobre o que dele espera o psicólogo social. Desta forma e paradoxalmente, o experimento corre dentro de duas ou mais hipóteses: a do experimentador e a do seu sujeito.

Cabe, neste ponto, fazer algumas colocações sobre a atuação do psicólogo social brasileiro, seja no campo ou no laboratório. A pesquisa social no campo começou, em nosso meio, de uma forma bastante precária, isto é, através dos "surveys". Lembro bem a primeira vez que recebi, na minha casa, um pesquisador de opinião pública, no início da década de 60. Ele vinha me perguntar se estava com televisão ligada e se assistia, naquele momento, uma novela que marcou época: "O direito de nascer". Era um entrevistador do IBOPE. Ele voltou outras vezes e sempre com suas indefectíveis perguntas sobre rádio, TV, pasta dental preferida, sabonete, carro etc. Assim, o grande público brasileiro teve, pela primeira vez, contato com um pesquisador social que lhe apresentava questões que não tinham nenhuma relevância social. Tenho receio que durante muito tempo o brasileiro médio identifique pesquisa social com pesquisa de opinião pública. O mesmo já não ocorreu nos EE.UU. onde o povo, desde a década de 30, respondeu a questões de grande relevância social em pesquisas de dimensão nacional.

A pesquisa social não chegou a ser organizada, de uma forma significativa, nas universidades brasileiras. Existem bons momentos, nos quais esse trabalho foi intensificado, para, logo a seguir, entrar em declínio. O público brasileiro continua, ao que parece, ainda avesso a responder às pesquisas. O psicólogo social brasileiro poderá, desta forma, permanecer ainda muitos anos no laboratório, até que haja um "clima" de confiança — por parte do público — de que os dados que fornece não serão usados, mais cedo ou mais tarde, contra ele.

Já nos EE.UU. a pesquisa no campo tem sido realizada em maior escala. FESTINGER, RIECKEN, SCHACHTER (1956) conduziram um estudo de campo, sob os auspícios do "Laboratory for Research in Social Relations", da Universidade de Minnesota, que foi de grande importância para que esses autores testassem inúmeros aspectos da teoria da dissonância cognitiva.

A atuação do psicólogo social está, ao meu ver, hoje representada por três linhas de força. São elas: a) a de reforma social; b) a de tecnologia social; c) a de análise experimental do comportamento social ou análise comportamental aplicada. Ei-las, em poucas linhas. Os psicólogos sociais que trabalham na linha de reforma social estão preocupados com a questão se as reformas sociais podem ser conduzidas como experimentos. CAMPBELL (1969), num artigo que marcará época na Psicologia Social, apresentou as linhas gerais desta abordagem. Esboçou, aquele autor, nove pontos que devem ser considerados, para que se teste a validade interna dos estudos, que classificou de campo e de projetos "quase experimentais". Ele mostrou as incongruências da análise que a equipe do Gov. Ribicoff deu aos resultados de aplicação de uma lei de trânsito contra velocidade nas estradas. CAMPBELL (1969) não está alheio aos desdobramentos de natureza política que uma análise mais científica das reformas sociais podem trazer para o pesquisador. As reformas sociais, geralmente impostas por decretos-leis, são, comumente, realizadas em gabinete. Os políticos nem sempre estão em condições de analisar, cientificamente, os seus resultados e, muito menos, de predizer as prováveis reações das pessoas que por elas serão atingidas. Segundo CAMPBELL (1969), os EE.UU. e outras nações mais desenvolvidas, estariam preparados para uma abordagem experimental da reforma social que: "... testaria novos programas projetados para resolver problemas sociais específicos e nos quais nós aprenderíamos se estes programas são efetivos..." Uma abordagem experimental da reforma social, caso fosse adotada por um Estado, poderia, quem sabe, encontrar novas soluções para velhos problemas que têm sido, até agora, enfrentados com abordagens puramente ideológicas (esquerda-direita).

Outra linha de atuação é representada pelo grupo de psicólogos sociais que vem trabalhando na chamada tecnologia social. O que ela é, VARELA (1974) descreve no seu livro "Soluções psicológicas para problemas sociais: uma introdução à tecnologia social", que foi recentemente publicado entre nós. Diz ele que a tecnologia social é uma abordagem técnica de problemas sociais e que ele se vale dos princípios de todas as teorias psicológicas, como, por exemplo, dissonância cognitiva, teoria da informação, da aprendizagem skinneriana etc. Sua aplicação tem se voltado para questões de ordem administrativa nas empresas, seja na avaliação do pessoal, na escolha de um chefe para uma seção, na resolução de conflito entre empregados e patrões etc. Mas o que me chamou a atenção no livro de VARELA foi o seu projeto para o futuro e não os êxitos imediatos que mostra obter com o uso da tecnologia social. Neste ponto ele se aproxima do que tem sido um constante "leit-motiv" na vida do homem: a criação de uma nova sociedade.

Mas para que isto ocorra, VARELA (1974) pensa que é preciso uma mudança radical nos paradigmas do pensamento ocidental. Paradigma, ele define como sendo: "... um padrão estabelecido de idéias capazes de guiar as pessoas na solução de problemas..." Enumera 11 paradigmas vigentes na nossa sociedade, que precisam ser substituídos. Destaco apenas dois, a título de exemplo. São eles: *O CULPADO DEVE SER PUNIDO* e *TODOS OS HOMENS SÃO IGUAIS*, que propõe sejam substituídos pelos seguintes: "OS PROBLEMAS SOCIAIS SÃO RESOLVIDOS CORRIGINDO-SE AS CAUSAS E NÃO OS SINTOMAS" e "EXISTEM GRANDES DIFERENÇAS INDIVIDUAIS ENTRE OS SERES HUMANOS".

A terceira linha de força de atuação do psicólogo social é, a meu ver, representada pelo movimento denominado Análise Experimental do Comportamento Social, segundo ULRICH e MOUNTJOY (1972), ou Análise Comportamental Aplicada, segundo BAER, WOLF e RISELEY (1968) e HANLEY (1970). Num artigo que preparei para os "Arquivos Brasileiros de Psicologia Aplicada" (no prelo), me detive na caracterização da AECS e suas relações com a Psicologia Social. As pesquisas sociais conduzidas dentro de uma metodologia de AECS, podem ser identificadas pelo seguinte:

- são pesquisas com o uso de poucos organismos (intensive design);
- os conceitos usados são os da análise experimental do comportamento, bem como sua preocupação de rigor no controle das variáveis;
- usam técnicas operantes.

KAZDIN (1975), num artigo que publicou no *Journal of Applied Behavior Analysis*, faz uma extensa análise do que chamou de impacto da Análise Comportamental Aplicada nas diversas áreas da Psicologia. Segundo ele, as áreas que sofreram, até agora, maior penetração, por ordem, foram as seguintes: psicologia clínica, educação — especialmente educação dos excepcionais —, psiquiatria. Não tendo estendido a sua investigação às revistas de Psicologia Social, não oferece dados sobre o possível impacto da AECS sobre a mesma. Parece, todavia, que esta penetração tem sido mínima, pelo menos nas revistas clássicas de Psicologia Social, como *Journal of Personality and Social Psychology*, *Journal of Social Psychology* e *Journal of Experimental Social Psychology*. "É minha opinião que a AECS ainda não dispõe de uma metodologia apropriada para abordagem de complexos problemas sociais, e, talvez por isto, tem se limitado mais a estudos numa área, que chamaremos de "remediação social". Existem, contudo, modelos teóricos

usados na Psicologia Social que sofrem nítida influência da teoria da aprendizagem skinneriana, como o de Thibaut e Kelley e o de Homans.

Para GROTT e NEURINGER (1974), a AECS enfatizou o estudo de organismos isolados, e, somente agora, ela se volta para o estudo de dois ou mais organismos em espaços experimentais controlados e em caixas de Skinner mais complexas. É verdade que existem alguns estudos clássicos, nos quais os experimentadores manipularam dois organismos ao mesmo tempo, como os de DANIEL (1943), o de SKINNER (1962), o de AZRIN e LINDSLEY (1956) e o de COHEN (1962). Coloca-se, portanto, como uma *urgente necessidade* para os analistas experimentais do comportamento, o estudo intensivo de dois ou mais organismos nas mais diversas situações "sociais" que possam ser criadas no laboratório. Um programa de pesquisa, que absorveria a energia e o trabalho de toda uma equipe, seria o de verificar, por exemplo, o desempenho de dois Ss isolados nos esquemas de reforçamento clássico na literatura e, posteriormente, esses dois organismos, atuando numa mesma caixa de Skinner, nos mesmos esquemas de reforçamento. A segunda fase pediria, evidentemente, registros que adviriam de observações do comportamento desses organismos, o que, diga-se de passagem, não fazem os analistas experimentais do comportamento, quando trabalham com um só organismo. Por tudo que expus até aqui é que considero a AECS como uma terceira linha de força de atuação do psicólogo social. Expostas estas três linhas de força de atuação do psicólogo social, passo à segunda parte da minha explanação e que chamei de Proposta de Atuação.

III — PROPOSTA DE ATUAÇÃO

Considero, na minha Proposta de Atuação, cinco pontos. Três pontos se referem à situação concreta do psicólogo social em nosso meio, e dois pontos são de uma atuação mais remota. São relativos ao "hic et nunc" da situação brasileira os seguintes pontos:

1.º *ponto*: No campo de Psicologia Social — talvez no de toda Psicologia e em outras áreas do conhecimento humano — existe, no momento, um grande "gap" entre a Psicologia Social que se faz no Brasil e a que se faz no exterior, basicamente nos Estados Unidos. Constantemente, os alunos dos cursos de Psicologia formulam uma crítica que se tornou clássica, em nosso meio, sobre a "validade" de experimentos conduzidos em outra cultura. Estas críticas são, até certo ponto, pertinentes, mas não em todos os pontos. Se a Psicologia Social é uma ciência, existem princípios teóricos nela, que devem ser válidos e resistir a um teste experi-

mental em qualquer cultura. Para se verificar, contudo, que princípios ou aspectos de um experimento não são válidos em nosso meio, é preciso que os psicólogos sociais brasileiros realizem réplicas de experimentos clássicos e participem mais intensivamente de estudos transculturais. Um maior intercâmbio entre os psicólogos sociais brasileiros com os americanos, franceses, sanaria esta deficiência. RODRIGUES (1967) já chamava atenção para este ponto há 8 anos e formulou, naquela época, um convite para que fosse feita uma psicologia social brasileira. Este convite permanece sem resposta até hoje.

2.º ponto: A atuação do psicólogo social no Brasil ganhará, provavelmente, um satisfatório nível de reconhecimento, a partir do momento em que ele mostrar à comunidade o valor da sua atuação. Penso que uma das possíveis formas de conquistar isto, seria a realização de um trabalho de assessoria aos congressistas que aceitassem os nossos serviços. Poderia, por exemplo, o psicólogo social estudar as repercussões sociais dos projetos que são aprovados no Congresso Nacional, sobre a população atingida por esses. Teria, desta forma, o congressista, um "feed-back" da sua atuação, que permitiria a reavaliação do seu curso. Esta assessoria estaria criando as bases do seu poder social e usando, portanto, da força do seu poder especializado, segundo a terminologia de FRENCH e RAVEN (1959). Evidentemente, existem problemas de ordem prática, para que esta assessoria se concretize, mas que não são, de maneira alguma, insuperáveis.

3.º ponto: É extremamente indesejável que a pesquisa em Psicologia Social se desenvolva quase ao sabor do "acaso" ou dos caprichos do pesquisador. Afirmar isto parece que contraria fundamentalmente a atitude daqueles pesquisadores que professam uma inutilidade completa e uma liberdade sem limites, do que deve pesquisar. Para esses pesquisadores para quem a pesquisa é um jogo. Não quero aqui discutir este ponto, que é por demais extenso e complexo. Tal postura parece defensável, quando os problemas sociais não alcançam um limite, que diria — para usar uma linguagem moderna — "sem retorno". Já sobre esta desorganização que existe no campo da pesquisa científica, chamava-nos a atenção o Pe. TEILHARD DE CHARDIN há quase trinta anos: "Mas, se exaltamos a Pesquisa e dela tiramos proveito, com que mesquinhez de espírito e de meios, com que desordem não pesquisamos ainda hoje." (CHARDIN, apud RIDEAU, 1965, p. 209). Como existem sinais de que os problemas sociais caminham para uma situação "sem retorno", parece justificável que os pesquisadores, e, entre eles, o psicólogo social, tracem um programa de ação que se volte para o estudo dos problemas que estão tornando a vida moderna insuportável para milhões de homens. Lembro-me, aqui, do grande esforço de pesquisa que foi feito pelos físicos

atômicos, sob a orientação de ROBERT OPPENHEIMER, para que os Estados Unidos tivessem, em pouco tempo, a bomba atômica. Caso o desenvolvimento da pesquisa atômica tivesse seguido ao capricho dos pesquisadores, enfim, desorganizada, chegariam os físicos à produção da bomba tão rapidamente como chegaram? Se este esforço foi feito uma vez na história, não poderia, agora, ser repetido? Existem problemas que estão à espera da mesma concentração de esforços, para sua correta diagnose e solução, como o do átomo em 1943. Se me fosse dado apontar dois problemas, indicaria os seguintes: agressividade e planejamento de uma nova cultura.

4.º ponto: Os psicólogos sociais brasileiros precisam interagir mais sistematicamente e com mais freqüência. Um jornal de circulação interna (entre os psicólogos sociais) talvez fosse um passo neste sentido. Esse jornal informaria sobre os projetos em andamento nas diversas Universidades brasileiras, relativos à Psicologia Social; constituição de equipes interdisciplinares; programas de curso; estágios no exterior etc.

5.º ponto: A experiência de outras associações de psicólogos em outros países recomenda que os psicólogos brasileiros precisam, urgentemente, se agruparem em torno de uma poderosa sociedade de psicologia, de amplitude nacional, que possa representar a classe junto aos centros de poder; editar revistas; ter divisões — como a American Psychological Association — APA — que acolham os psicólogos que trabalham nas mais diversas áreas. O psicólogo social poderá contribuir nesse processo de aglutinação dos psicólogos. Uma possível forma de contribuição poderia estar, por exemplo, no levantamento das inúmeras sociedades de psicologia que existem no país e numa análise crítica de atuação das mesmas.

Cabe-me, agora, discorrer sobre a parte final desta comunicação, e que intitulei de Preparação para o Futuro. Minha proposição é colocada para ser discutida e se resume no seguinte: o psicólogo social pode preparar o Futuro. Em 1974, falando para os Superiores Maiores dos Jesuítas, o Pe. PEDRO ARRUPE chamou-lhes a atenção para o "Futuro da Vida Religiosa". Se pudesse, transcreveria aqui toda sua reflexão, porque penso que ela se aplica, sob muitos aspectos, à formação que deve ser dada ao psicólogo social. Espero, evidentemente, que o leitor não enviesasse, a partir de agora — porque citei um pensador católico — que minha colocação tenha algo de apologética do Catolicismo. Seria, aliás, um péssimo psicólogo social aquele que enviesasse minha colocação, pois mostraria ignorância do experimento de ASCH (1948). Para preparar o Futuro, o psicólogo social precisa, no dizer de SNOW (apud ARRUPE, 1974, p. 62), levar "O Futuro nos seus ossos". Reconheço que é difícil objetivar esta afirmação para um cientista que está

acostumado a definições operacionais, controle de variáveis etc. Mas levar o Futuro nos ossos implica em trabalhar com esperança. Muito do trabalho que o psicólogo social realiza hoje em dia está fadado ao desaparecimento. Ele, por sua vez, percebe os limites do seu trabalho, mas não pode, por enquanto, projetá-lo numa dimensão mais ambiciosa. O presente pode parecer fechado ao psicólogo social e, os seus problemas, insuperáveis: polarizações ideológicas, racismo, agressividade, guerras etc. Mas se o psicólogo social tiver desenvolvido a consciência de que seu trabalho pode preparar o Futuro, ele o fará com mais esperança, o fará — de acordo com a linguagem dos existencialistas — com outra “intencionalidade”. Preparar o Futuro é, por outro lado, o trabalho para várias gerações de psicólogos sociais. Uma crença deverá também alimentá-lo, a de um progresso da sua ciência, além do que espera. Acho extremamente curioso — para os que argumentam contra o progresso da vida em sociedade — que hoje em dia não sejam mais colocadas fronteiras para o desenvolvimento das Ciências Biológicas. Tenta-se a síntese da vida em laboratórios; reproduções de bebês em provetas, controles de comportamentos como os de “amor”, “prazer”, “sede”, “fome”, estão nas mãos dos psicofarmacologistas. A vida social continua, entretanto, guiada por princípios oriundos de discutíveis ideologias filosóficas, que refletem intuições sobre o comportamento humano da Ciência da época grega ou romana. Os estereótipos dessas épocas circulam milhões de vezes: “O homem é um ser racional”. “O homem deseja naturalmente o saber”. “O bom senso é a coisa mais bem distribuída no mundo” etc. Contrariando Aristóteles e Descartes, a ciência do comportamento mostra que a “racionalidade” e o “bom senso” não são predicados tão universais assim. Para mim, aliás — perdoem-me a irreverência — o homem é um “candidato” à racionalidade. Quando ele a alcançar, isto é, quando exercer plenamente sua reflexão, ganhará a sua dimensão humana.

O psicólogo social pode preparar o Futuro, na medida em que contribuir para uma desmistificação das “ideologias” que têm levado milhões de homens ao holocausto das guerras, das superioridades raciais e se colocar, afinal, as “idéias” a serviço do homem. É curioso como nos tornamos rapidamente escravos de nossas “ideologias”, afinal, das nossas criações. Elas são econômicas porque logo permitem a criação de estereótipos com que nos classificamos: “negro”, “gringo”, “judeu”, “capitalista”, “burguês”, “comunista”, “fascista” etc. Enquanto estas classificações, tão fáceis de serem “manipuladas”, fundamentarem os trabalhos “científicos”, acho que não iremos muito longe. Diria desta forma que o psicólogo social poderia mostrar que o “peso” destas classificações — tão fáceis de eliciarem respondentes e tão pouco cientí-

ficas — dificultam tremendamente a interação entre os homens. Enquanto elas informarem a relação humana não iremos muito longe.

O psicólogo social pode auxiliar na preparação do Futuro, na medida que auxiliar o homem a se levar mais a sério. É um grave problema criar esta atitude num nível mais amplo. Implicaria, provavelmente, num convite a cada homem, de olhar-se como um *projeto*, isto é, como algo inacabado num contexto cósmico que ainda não compreende muito bem, mas que intue ser grandioso. Afastar para longe a idéia de ser “acabado”. CHARDIN (apud RIDEAU, 1965) chamava-nos a atenção para este problema: “Uma das ilusões mais nefastamente desenvolvidas no curso da história, no coração do Homem, é a pseudo-evidência do seu acabamento e sua fixidez.” NIETZSCHE (1974) também — mas numa outra perspectiva da de CHARDIN — chama a atenção para este ponto: “O homem é uma corda, atada entre o animal e o além do homem — uma corda sobre um abismo” (p. 235). Aceitando-se como um *projeto*, o homem poderá, quem sabe, olhar para o Futuro e compreender o quanto relativa é a problemática que enfrenta agora. Esta mesma relatividade é mostrada quando se examina a História humana, e o quanto ridículo foram os problemas levantados entre as nações e que suscitaram conflitos armados. O Futuro mostrará, provavelmente, o ridículo que existe nos “problemas” do século XX. O psicólogo social, junto com outros especialistas das ciências, poderá dar uma modesta, mas relevante contribuição na construção deste mundo novo. Chame-se ele: Cidade do Sol, Utopia, Nova Atlântida, Cidade Feliz, Shangrilá, Walden II, ou Jerusalém Celeste, ele está à nossa espera, agora, mais perto do que nunca, porque: “In the behavioristic view, man can now control his own destiny because he knows what must be done and how do it.” (Skinner, 1974).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALMEIDA, A. R. É possível o estabelecimento de um contexto comum entre a Análise Experimental do Comportamento Social (AECS) e a Psicologia Social? *Arquivos Brasileiros de Psicologia Aplicada* (no prelo).
- ARRUPE, P. O Futuro da Vida Religiosa. In: *Anuário da Companhia de Jesus*, 1975, ed. portuguesa, pp. 61-79.
- ASCH, S. E. The doctrine of suggestion, prestige and imitation in social psychology. *Psychological Review*, 1948, 55: 250-276.
- AZRIN, N. & LINDSLEY, O. R. The reinforcement of cooperation between children. *The Journal of Abnormal and Social Psychology*, 1956, 52: 100-102.

- BAER, S. M., WOLF, M. M. & RISLEY, T. R. Some current dimensions of applied behavior analysis. *Journal of Applied Behavior Analysis*, 1968, 1: 91-97.
- BERKOWITZ, L. Theoretical and research approaches in experimental social psychology. In: GILGEN, A. R. *Contemporary Scientific Psychology*. New York, Academic Press, 1970.
- COHEN, D. J. Justin and his peers: an experimental analysis of a child's social world. *Child Development*, 1962, 33: 697-717.
- CAMPBELL, D. T. Reforms as experiments. *American Psychologist*, 1969, 24 (4): 409-430.
- DANIEL, W. J. Higher order cooperative problem solving in rats. *Journal of Comparative and Physiological Psychology*, 1943, 35: 297-305.
- FESTINGER, L., RIECKEN, H. & SCHACHTER, S. *When prophecy fails: an account of a modern group that predicted the destruction of the world*. Minneapolis, University of Minnesota Press, 1956.
- FRANCA, L. *A crise do mundo moderno*. Rio de Janeiro, 4.^a edição, Ed. Agir, 1955.
- FRENCH, J. R. P. & RAVEN, B. Studies in social power. In: CARTWRIGHT, D. & ZANDER, A. *Group Dynamics: Research and Theory*. New York, Harper, 1960.
- GERGEN, K. J. Social Psychology as History. *Journal of Personality and Social Psychology*, 1973, 26 (2): 309-320.
- GROTT, R. & NEURINGER, A. Group behavior in rats under schedules of reinforcement. *Journal of Experimental Analysis of Behavior*, 1974, 22 (2): 311-321.
- HANLEY, E. M. Review of research involving applied behavior analysis in the classroom. *Review of Education Research*, 40, 1970.
- KAZDIN, A. E. The impact of applied behavior analysis in diverse areas of research. *Journal of Applied Behavior Analysis*, 1975, 8 (2) 213-229.
- FRIED, S. B. Ten years of social psychology: Is there a growing commitment for field research? *American Psychologist*, 1973, 28: 155-156.
- KRECH, D., CRUTCHFIELD, R. S. & BALLACHEY, E. L. *O Indivíduo na Sociedade: um Manual de Psicologia Social*. Trad. brasileira de Dante Moreira Leite e Myriam Moreira Leite, do original americano editado pela Mc-Graw-Hill Book, 1962. Pioneira, São Paulo, 1969.
- MARITAIN, J. *Humanisme Integral*. Ed. Payot, 1936.
- NIETZSCHE, F. Assim falou Zaratustra: um livro para todos e ninguém. In: *Obras Incompletas*. Trad. brasileira de Rubens Rodrigues Torres Filho, São Paulo, Ed. Abril, 1974.
- RIDEAU, E. *O Pensamento de Teilhard de Chardin*. Lisboa, Liv. Moraes Editora, 1965.

- RING, K. Experimental social psychology: some sober questions about some frivolous values. *Journal of Experimental Social Psychology*, 1967, 3: 113-127.
- ROSENTHAL, R. *On the social psychology of the psychological experiment: the experimenter's hypothesis as unintended determinant of experimental results*: Paper presented at Symposium: "On the social psychology of the psychological experiment". New York, Sept, 1961.
- RODRIGUES, A. Novos campos da psicologia social. *Arquivos Brasileiros de Psicotécnica*, 1967, 3: 9-12.
- SKINNER, B. F. Two "synthetic social relations". *Journal of Experimental Analysis of Behavior*, 1962, 5, 531-533.
- SKINNER, B. F. *About Behaviorism*. New York, A. A. Knopf, 1974.
- SCHLENKER, B. R. Social Psychology and Science. *Journal of Personality and Social Psychology*, 1974, 29 (1): 1-15.
- ULRICH, R. E. & MOUNTJOY, P. T. *The Experimental Analysis of Social Behavior*. New York, Appleton-Century Crofts, 1972.
- VARELA, J. *Soluções psicológicas para os problemas sociais: uma introdução à tecnologia social*. Trad. brasileira de A. Cabral, São Paulo, Ed. Cultrix, 1974.
- WEICK, K. E. *Social psychology in an era of social change*. Lecture presented to the Claremont Graduate School, March, 20, 1969.